

Holandês diz que Brasil precisa pagar a dívida

São Paulo — O Brasil precisa pagar sua dívida externa até o último centavo, se quiser recuperar a credibilidade no mercado financeiro internacional. A opinião é do presidente da Federação da Indústria Holandesa, C. J. A. Van Lede, que chefiava a missão econômica da Holanda que está em visita ao País. Durante encontro que manteve ontem com a direção da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Van Lede destacou que “quem não paga, se compromete”.

A missão, formada por onze membros da Comunidade Financeira da Holanda; inclusive o vice-primeiro-ministro dos assuntos econômicos do Reino dos Países Baixos, Rudolf Williem de Korte, pretende fortalecer os negócios entre os dois países. A Holanda é o terceiro mercado exportador para o Brasil, que

por sua vez acolhe metade das exportações holandesas para a América Latina.

“As condições de investimentos oferecidas hoje pelo Brasil não são tão interessantes como há dez anos”, compara Van Lede. Estão aqui hoje instaladas cinquenta empresas holandesas em diferentes setores, mas Van Lede aponta que a concorrência é hoje significativa da parte de mercados como a Índia.

A China, os Estados Unidos e mesmo alguns países da Europa. “E tarefa do Governo recuperar a confiança internacional, esforçando-se também para combater a inflação crescente”, aconselha o representante da Holanda, onde o índice inflacionário anual não chega a 1 por cento.

O presidente da Fiesp, empresário Mário Amato, reconhece que essa credibilidade é

fundamental diante da configuração da Europa 1992, ano em que haverá uma unificação econômica dos países-membros do Mercado Comum Europeu. “A Holanda pode ser para nós um portão de entrada num mercado de 320 milhões de consumidores de alto poder aquisitivo”, estima Amato.

É decisivo, portanto, neste momento, segundo o líder do empresariado paulista, (promover uma nova abertura da economia nacional). “Devemos estabelecer com o capital estrangeiro uma relação de reciprocidade e de maior confiança”, analisa Mário Amato, para quem a poupança externa torna-se imprescindível ao desenvolvimento do País nos níveis exigidos pela sociedade. “Precisamos promover um verdadeiro processo de internacionalização da economia”.